

Cidade e memória: vistas de Varsóvia a partir do Palácio de Cultura e Ciência

Conversas urbanas

POR JERZY ELŻANOWSKI FOTOS FRANCIS TOUSIGNANT



No final do verão de 2009, Francis Tousignant e eu listamos locais decadentes em Varsóvia para um projeto de pesquisa sobre ruínas vistas como memórias. Entre os estudos de tijolos quebrados, reboco rachado, portas sem dobradiças e cercas arrombadas pela guerra ou pelo abandono, tiramos quatro fotografias de vistas amplas no mirante do 30º andar do real socialista Palácio de Cultura e Ciência.

Também encontramos uma quinta foto (aqui, a primeira), com o estudo de um céu tempestuoso e uma miniatura do Palácio no inferior da imagem. Neste artigo, uma sequência de reflexões sobre quatro imagens de Varsóvia tiradas do alto, explorou-se o relacionamento entre olhar e ser olhado, revertendo a tradicional contemplação do Palácio como objeto impermeável visto somente do exterior. Ao invés disso, o Palácio foi utilizado como plataforma da qual se pode ver a cidade pós-socialista para refletir sobre o seu futuro, no interior de um símbolo de seu recente passado colonial.

Varsóvia, devastada pela guerra durante as ocupações nazistas e depois stalinistas, somente agora começa a ser curada, e negocia seu legado socialista à medida que abraça a economia de mercado. Nesta fotografia de curiosas proporções, um céu enorme, meditativo, espalha-se por Varsóvia. O Palácio de Cultura e Ciência – o estranho sujeito da composição fotográfica – tornou-se o contestado emblema da cidade.

Hoje, três gerações de varsovianos já associam o Palácio com estudo, trabalho, dança, natação, leitura, observação, patinação ou simplesmente com sua presença constante, como tantos outros símbolos do colonialismo, ele passou a definir a cidade pós-colonial.

Tomada da cobertura de um prédio situado a aproximadamente 20 metros abaixo do nível do Centro da cidade, a primeira imagem deste artigo **1** captura o Palácio em movimento. A topografia da paisagem escura dos telhados em Powiśle, antes um bairro de trabalhadores, imita o rio largo e irregular, que

fluiu logo atrás do fotógrafo. Os telhados parecem carregar a torre parcialmente submersa – como se a construção fosse somente uma presença transitória. Quase esperamos que ela tombe, flutue de barriga para cima e depois saia do quadro para desaparecer num instante, enquanto as pesadas nuvens permanecem. Precária nesta imagem, em muitas fotografias turísticas é mostrada com uma perspectiva distorcida, agarrando-se ao solo frágil e reafirmando seu passado político imperativo no que muitos consideram o centro geográfico da Varsóvia pós-socialista em (re)construção.

Imposto à cidade pelo governo de Stalin e abraçado pela elite política polonesa no início da década de 1950, o edifício já era ideologicamente inconveniente quando foi terminado em 1955, dois anos após a morte de Stalin e pouco antes da denúncia oficial de seu dogma. Nessa época ninguém realmente queria o Palácio. Autoridades locais minimizaram sua abertura oficial em 1955 e o *Stolica* (em português, *Capital*), periódico de Varsóvia sobre arquitetura e cultura, publicou somente algumas frases de congratulações sobre seu término – mas, entretanto, publicou muitos artigos que descreviam o extenso programa cultural do Palácio: dois grandes teatros, um museu, centro da juventude, piscina, sala para congressos, e centenas de escritórios para instituições educacionais. E o enorme prédio começou, e continua até agora, a permeiar os padrões do dia a dia da cidade.

As conflitantes demandas políticas, sociais e econômicas sobre o Palácio e suas redondezas paradoxalmente protegeram os terrenos mais valiosos de Varsóvia do desenvolvimento caótico do distrito comercial adjacente. Com parques e a praça de Paradas orientada a leste – antes usada para os comícios das autoridades soviéticas e polonesas – ocupa uma área plana de 3 por 6 grandes quarteirões urbanos (cerca de 25 hectares); e se eleva sobre o que foi um dos bairros residenciais mais densamente ocupados da Europa. Como um gigantesco relógio solar, a sombra

do Palácio – que o teórico de arquitetura Mark Dorian estudou com profundidade – atravessa todos os dias as fundações de centenas de casas com quintal destruídas e desapropriadas por decreto durante e depois da guerra, confirmando seu domínio espacial sobre a terra disputada.

O plano mestre da região mudou dramaticamente numerosas vezes – peão político de cada prefeitura sucessiva – mas sempre manteve a preservação do Palácio (hoje tombado como patrimônio histórico) e a densificação do local com edifícios de altura média e alta. Entretanto, no último quarto de século após a queda do socialismo, o espaço permaneceu ocupado somente com estruturas temporárias, pois ações judiciais pendentes para a restituição de propriedade privada retardam as decisões finais.

PRAÇA DE PARADAS **2**

Em 21 de julho de 2009, um dia antes de completar o 54º aniversário da abertura do Palácio da Cultura (dia da independência nacional celebrado sob o comunismo, agora cancelado), uma empresa privada de segurança atacou, com gás lacrimogêneo, uma grande multidão de comerciantes que protestavam contra o fechamento temporário do KDT, mercado situado na praça das Paradas em frente à entrada leste, a principal, do Palácio. O protesto não era um ato de dissidência política, mas um ato desesperado de desobediência civil contra um despejo que havia sido anunciado meses antes.

Enquanto no final dos anos 1990 ir a *'pod Pałac'* (ao pé do Palácio) era o lugar quente se você estivesse procurando um vestido de casamento deslumbrante ou um relógio barato, em 2009 o mercado havia ficado fora de moda. O mercado foi construído em 1999, para substituir uma selva de quiosques individuais que colonizavam os espaços pavimentados ao redor do Palácio dez anos antes. Em meados dos anos de 1990, os quiosques haviam invadido os parques da redondeza e até a calçada, e andar pelo Centro significava se esquivar de camelôs, vendedores de comida e adivinhas – uma cena romântica, mas também uma ameaça à segurança pessoal.

Com sua horizontalidade deliberada, o mercado que o substituiu rastejou, como uma lagarta, até a praça de Paradas. Como nunca se imaginou que fosse permanente, seu telhado industrial estava levemente apoiado sobre as paredes do edifício. A pavimentação da praça nunca havia sido removida e quando o mercado foi demolido (depois que os manifestantes foram pacificados, tiveram seus ferimentos tratados ou foram presos), a praça uivava em seu vazio.

Uma das razões oficiais da remoção apressada dos camelôs foi a planejada construção do novo Museu de Arte Moderna de Varsóvia. A arte deveria substituir as calcinhas e cadarços de sapatos, mas a



cidade demitiu Christian Kerez, o arquiteto do projeto, em maio de 2012 após anos de colaboração e milhões de dólares consumidos. O local voltou a ser ocupado por uma estrutura temporária – desta vez pelo edifício de apoio técnico ao metrô que se constrói nas proximidades.

Com a expressão arquitetônica de um novo programa cultural, o museu deveria retomar seu espaço para o público. O edital do concurso (2007) solicitava propostas para remodelar a praça e especialmente o pódio elevado e câmaras subterrâneas que serviam para proteger dignitários do partido comunista durante comícios políticos. A fundação Socland, criada para promover a construção de um novo museu do comunismo (não ligado ao Museu de Arte), havia proposto que a praça fosse transformada numa ágora com uma enorme cabeça cortada de Stalin. A cidade rejeitou a proposta irônica.

À medida que o pódio se deteriora, o futuro dos dois museus permanece incerto. Proprietários de antes da guerra que buscam a restituição de suas propriedades contestaram legalmente o local. As reivindicações são reais: terrenos pré-guerra foram talhados do parque próximo ao norte e retornaram aos descendentes dos proprietários antigos. Como não se pode construir nada permanente no local devido às restrições de zoneamento, um novo proprietário ameaçou cercar uma praça e uma fonte antes públicas até que a cidade aceite compensá-lo pelo terreno; outro levantou andaimes do tamanho de um prédio para instalar enormes outdoors de propaganda. A intenção pode ser cínica, mas o outdoor em 3D, que naturalmente demarca um volume similar a uma típica casa pré-guerra, é uma pungente representação da presença de disputas de terras, e da ausência de tecido pré-guerra em Varsóvia.



CENTRO 3

Os varsovianos habitualmente reclamam que a sua cidade não tem um Centro que, a princípio, é formado pelo Palácio da Cultura – são incapazes de reivindicar plenamente a estrutura parcialmente estrangeira como seu coração urbano, e se resignaram a aceitar que o domínio colonial de alguma maneira simboliza Varsóvia.

O Palácio paira sobre uma praça informal rebaixada, que serve como conexão para pedestres entre a principal estação de metrô ‘Centrum’ e um adjacente cruzamento central de trânsito público. A praça amorfa deveria ser uma solução temporária, mas da mesma forma que os mercados, tornou-se central aos padrões de movimento e consumo da cidade.

Oito paradas de ônibus e de bondes alimentam uma passarela circular subterrânea que também é um shopping rápido. Os pedestres, que andam rapidamente pelo corredor contínuo, parecem imitar o movimento circular do trânsito acima. Sempre apressados, emergem na praça, sob a modesta placa azul e branca ‘Centrum’, informando que chegaram a algum tipo de conexão. Por um breve momento, centenas de milhares de varsovianos andam mais devagar, e até param, compram um buquê de flores do campo de um camelô velhinho, olham para a arte encomendada nas paredes, para dançarinos de break ou ouvem um homem tamborilando com duas baquetas de madeira numa cadeira de cabeça para baixo.

Neste vazio entre o círculo e o metrô, parecem penetrar num íntimo vilarejo no dia de feira (a população atual de Varsóvia é, em sua maioria, de origem rural). Baixando a guarda, mais abertos e frágeis, viram-se para o Palácio, olham-no de baixo – massivo e distorcido – e novamente são compelidos a se apressar.



PERNETA 4

Quando o Hotel Intercontinental foi projetado pela primeira vez, no início dos anos 2000, era uma típica torre de planta retangular. Mas após os protestos dos moradores locais, verificou-se que o volume sombrearia excessivamente os vizinhos blocos de apartamentos. O projeto foi

alterado e a torre, esculpida. Desde então apoia-se sobre uma perna alta e fina como se não estivesse seguro de que deveria estar ali, como se precisasse pedir licença ao Palácio por um dia ter ousado desafiar sua posição hegemônica.

Diretamente ao norte do hotel, o pavilhão de móveis Emilia, baixo e horizontal ocupa este grande terreno desde a sua construção em 1970. Antigamente um prédio icônico, como muitos dos atraentes e estruturalmente inovadores pavilhões modernistas de seu tempo, irá passar por reformas, ainda sem data definida. Até que isso aconteça, o Museu de Arte Moderna, agora com poucas esperanças de que a construção de seu lar ao lado leste do Palácio da Cultura seja rápida, assinou um contrato de aluguel com a cidade para ocupar o Emilia durante três anos. Seu novo e temporário lar se soma à fragilidade visível da rua. Um museu, o protetor da permanência, logo será abrigado em um prédio cuja vida útil pode ser medida em meses.

Enquanto isso, no outro lado da fotografia aparece um tipo diferente de fragilidade: o esqueleto de estrutura é o da torre Złota 44 (uma referência ao seu endereço na Ulica Złota ou rua Dourada, em português) projetada pelo estúdio de Daniel Libeskind. Numa situação semelhante à do Hotel Intercontinental, problemas com os alvarás de construção e, neste caso, a fragilidade econômica, emperraram a construção durante anos. A obra foi reiniciada em março de 2012, a cumeeira foi instalada em maio e o revestimento está sendo instalado enquanto escrevo este artigo. Imagens recentes na imprensa dos andares mais altos da torre vendem os apartamentos mais caros de Varsóvia. O popular diário Gazeta Wyborcza exclama: “É caro, mas que vista!”

A vista é realmente impressionante, mas talvez por razões diferentes das que a imprensa quer apresentar. O prédio é tão alto que oferece as primeiras moradias com uma vista completa do pináculo do Palácio – algo que há algumas décadas seria ideologicamente absurdo. O Palácio foi construído com o propósito expresso de assinalar o domínio, não somente da ideologia soviética mas da presença física do próprio Stalin. Especialmente, mais do que em relação a qualquer outra coisa em Varsóvia ou até na Polônia, seu pináculo deve ser lido como um complemento de uma série de prédios irmãos ainda maiores localizados num anel ao redor de Moscou. Ricos varsovianos agora podem se livrar da sombra do Palácio e ver o antes dominante pináculo na sombra metafórica de seus próprios terrenos. Lá em cima, eles olham para o Palácio a partir de uma nova posição social onde seus imóveis, ou mais amplamente sua sensação de propriedade da cidade, parece não estar mais ameaçada pelo espectro do socialismo.



O FAROL 5

Se eu olhar, forçando a vista, de qualquer um dos dois edifícios residenciais acessíveis a mim em Varsóvia, consigo ver o Palácio da Cultura. Só preciso me inclinar precariamente no terraço de minha família no 10º andar com face sul no subúrbio de Ursynów ou tomar o lento elevador até o 13º andar de meu edifício no bairro central de Mokotów e olhar pela janela das escadarias. Talvez sem criticar, eu me sinta reconfortado pela constante presença desse edifício panorâmico.

A dominância do Palácio na linha do horizonte é surpreendente. Nas últimas duas décadas, vem sendo cercado por novos arranha-céus, que nunca ultrapassam mas chegam perto da altura de seus volumes

ENTREVISTA

TRÊS QUESTÕES DE JERZY ELŻANOWSKI PARA GIANCARLO MAZZANTI, ARTICULISTA DA PRÓXIMA EDIÇÃO.

TEMA: CIDADE E VIOLÊNCIA

A arquitetura pode ser vetor de mudanças sociais. Por outro lado, a arquitetura pode gerar violência?

Igualdade de oportunidade implica felicidade. A arquitetura e o urbanismo oferecem a possibilidade de criar cenários de oportunidades. Acredito, sim, que paisagens construídas restringem as opções, geram diferenças entre os habitantes, criam situações de desigualdade que podem levar a atos de violência ou rebeldia. Sim, propostas arquitetônicas podem promover comportamentos sociais agressivos. A arquitetura e o urbanismo devem ser ferramentas que permitam e que promovam a igualdade e a inclusão social. Devem ser instrumentos que convidem à troca entre as diferentes entidades de uma cidade, de uma cultura, entre humanos e animais. Todos devem ter a opção de habitar em comunidade.

Como vê a relação entre habitantes e violência urbana, ou entre violência urbana e arquitetura?

A violência urbana implica em habitar a cidade com prevenção, define caminhos seguros para andar, espaços abertos para compartilhar e quais são os lugares ideais para o encontro. Geram barreiras invisíveis que dividem e qualificam

principais. Ainda assim se destaca como um farol. Isto acontece parcialmente porque sua extensa plataforma e seus parques continuam a destacá-lo de seus vizinhos, e porque os mirantes em forma de cones do Palácio na direção dos subúrbios de classe média ao sul permaneceram desobstruídos. A sua força contestada ainda resiste, brutalmente presente no Centro e nos subúrbios onde a cidade expande. Camadas e camadas de projetos habitação popular não têm outra escolha senão existir na sua presença e ter sua referência como um marcador de centralidade.

Nesta última fotografia, cada morador dos blocos de apartamentos borrados no horizonte pode ver o Palácio e talvez imaginar a reciprocidade – que os turistas na plataforma ou o próprio Palácio em algum imaginário antropomórfico possam identificá-los como uma existência separada da névoa. Mas a vista aqui não é reversível – o Palácio não consegue ver você com o mesmo reconhecimento que você pode vê-lo.

À medida que a cidade expande, o Palácio pode perder inteiramente a vista de seu domínio. Pode até chegar o dia em que os moradores das periferias não mais poderão ver o Palácio, quando ele desaparecerá de sua experiência urbana diária, começará a se desvanecer como uma miragem e sumir quietamente, esquecido em meio à banalidade da expansão global, no imaginário eclipse do socialismo pela economia de mercado.

a cidade. O estado de violência de uma sociedade pode influenciar na arquitetura dos edifícios e em suas atividades, para satisfazer a necessidade de um espaço seguro. Em uma cidade violenta, seus habitantes parecem guiar-se dando as mãos ao medo, entre frações urbanas. Deve-se, então, pensar em uma arquitetura aberta, adaptável a condições e a necessidades que resultem dessas situações. Deve-se gerar uma arquitetura que abrigue os habitantes e seja apropriada por eles, que se converta em um elemento apreciado, cuidado e mantido pelos cidadãos e uma referência na paisagem.

Qual a relação entre a violência reportada pela mídia, as estatísticas oficiais sobre violência e as percepções dos habitantes de classes menos favorecidas de Medellín?

Cada um é uma fonte de informação afetada pela violência, mas de forma diferente. Ainda que os meios de comunicação e as estatísticas sejam supostamente imparciais, é difícil comparar com a maneira que vive a mãe de alguém violentado. Em Medellín as estatísticas são muito próximas à realidade, pois entidades governamentais e não-governamentais realizaram um extenso trabalho de campo que permitiu um retrato próximo. Com a velocidade e o fácil acesso aos meios digitais, a informação já não é mais propriedade exclusiva da mídia. Hoje a mãe também narra a notícia.

CONVERSAS URBANAS

JUNHO
Cidade e migração. Miami. Por Roberto Segre

JULHO
Cidade-estacionamento. São Francisco. Por Michael Kodransky (ITDP)

AGOSTO
Cidade e memória. Varsóvia. Por Jerzy Elżanowski

SETEMBRO
Cidade e violência. Medellín. Por Giancarlo Mazzanti

OUTUBRO
Cidade e turismo. Caribe. Por Supersudaca

NOVEMBRO
Cidade e escala humana. Copenhague. Por Jeff Risom (Gehl Architects)

DEZEMBRO
Cidade, ideologia e poder. China e Vietnã. Por Alain Bertaud

JANEIRO 2013
Cidade e arquiteturas temporárias. França e Suíça. Por Marcos Rosa e Laura Sobral

FEVEREIRO 2013
A cidade e as águas. Cantinho do Céu. São Paulo. Por Marcos Boldarini

MARÇO 2013
Cidade, densidade e habitação. Mumbai. Por Jorn Konijn (Nai)

ABRIL 2013
Cidade e reconstrução. Beirute. Por Bianca Antunes

MAIO 2013
Cidade transformada: de vias expressas a parques. Madri e Seul. Por Luc Nadal (ITDP)

JERZY ELŻANOWSKI é arquiteto pela McGill University em Montreal, Canadá, e já trabalhou em escritórios de arquitetura em Montreal, Berlim e Varsóvia. Cursa atualmente um PhD em estudos urbanos e interdisciplinares em conjunto pela Universidade de Bauhaus Weimar e pela Universidade de British Columbia.